

## CAPÍTULO XCIII<sup>1</sup>

### O jantar

Que suplício que foi o jantar! Felizmente, Sabina fez-me sentar ao pé da filha do Damasceno, uma D. Eulália, ou mais familiarmente Nhã-loló, moça graciosa,<sup>2</sup> um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio. Faltava-lhe elegância, mas compensava-a com os olhos, que eram soberbos e só tinham o defeito de se não arrancarem de mim, exceto quando desciam ao prato; mas Nhã-loló comia tão pouco, que quase não olhava para o prato. De noite cantou; a voz era como dizia o pai, “muito mimosa”. Não obstante, esquivei-me. Sabina veio até à porta, e perguntou-me que tal achara a filha do Damasceno.

– Assim, assim.

– Muito simpática, não é? acudiu ela; falta-lhe um pouco mais de corte. Mas que coração! é uma pérola. Bem boa noiva para você.

– Não gosto de pérolas.

– Casmurro! Para quando é que você se guarda? para quando estiver a cair de maduro, já sei. Pois, meu rico, quer você queira quer não, há de casar com Nhã-loló.

E dizia isto a bater-me na face com os dedos, meiga como uma pomba, e ao mesmo tempo intimativa e resoluta. Santo Deus! seria esse o motivo da reconciliação? Fiquei um pouco desconsolado com a ideia, mas uma voz misteriosa chamava-me à casa do Lobo Neves;<sup>3</sup> disse adeus a Sabina e às suas ameaças.

---

<sup>1</sup> CAPÍTULO XCIII] CAPÍTULO XCIV – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> moça graciosa,] moça bem graciosa, – MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>3</sup> Lobo Neves;] Lobo Neves, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.